

Arte Portuguesa

Revista illustrada de archeologia
e arte moderna.

*Sob a protecção
de Suas Magestades*

SUMMARIO

Junho de 1895

Anno I—N.º 6

TEXTOS

Restaurar e conservar.....	G. Pereira.
Sé velha de Coimbra.....	A. Gonçalves.
A segunda Renascença.....	Pin-Sel.
Nacionalisação da arte portugueza.....	A. A. Baldaque da Silva.
Plano de um theatro.....	Ernesto Vieira.
Faienças portuguezas.....	João Pessanha.
Pintura decorativa.....	P. S.
Retrato de Vasco da Gama.....	..
Arte moderna.....	P. S.
Sequeira.....	P.
O pôr do sol.....	Monteiro Ramalho.
Apocalypse estampado de Lorrão.....	P.
A porta do celloiro da bibliotheca de Evora.....	G. Pereira.
Publica Hortensia de Castro.....	C. M. de Vasconcellos.
O terceiro casamento de el-rei D. Manuel.....	G. Pereira.
Casa portugueza.....	..
O portal dos Jeronymos.....	G. Pereira.

ILLUSTRAÇÕES

Sé velha de Coimbra, desenhos de N. Bigaglia.
A segunda Renascença, azulejos por C.ª
Nacionalisação da arte portugueza, desenhos de Casanova.
Plano de um theatro, desenho de C.ª
Pintura decorativa, desenho de C.ª
Retrato de Vasco da Gama, aqua-forte de Armand Dumaresq.
Sequeira, desenho de Sequeira.
Apocalypse estampado de Lorrão, desenhos de C.ª
Porta do celloiro da bibliotheca de Evora, desenho de Casanova.
Publica Hortensia de Castro, copia de um quadro a oleo, por C.ª
O terceiro casamento de el-rei D. Manuel, desenho de R. Gameiro.
Casa portugueza, desenhos de C.ª
O portal dos Jeronymos { Porta, gravura segundo photographia.
{ Claustro, desenho de N. Bigaglia.
{ Os pregos, desenhos de C.ª

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica

ASSIGNA-SE E VENDE-SE AVULSO

Em Lisboa, na ADMINISTRAÇÃO, nas principaes livrarias e na *Galeria Monaco*

No Porto, na *Livraria Universal*, dos srs. Magalhães & Moniz

Em Coimbra, na Agencia do sr. A. de Paula e Silva, e nas livrarias dos srs. Manuel Cabral e França Amado

ADVERTENCIA—Na Administração compram-se numeros 4.^{os} d'esta Revista



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—*Salitre, 346, 1.º*—LISBOA

de Castro deu a sua filha, no acto do baptismo, o nome Publia? Que illustre latinista seria então o seu padrinho? Não conheço outra Publia portugueza, entre as Quinhentistas. Os nomes romanos ainda não estavam então na moda.

⁶ Barb. Mach., I, 924^b.

⁷ Isenção das ricas optimates de certos impostos que os questores lhes queriam lançar.

⁸ Quint., I, 1. 6. — Val. Max., VIII, 3, 3.

⁹ «Vossa Alteza me ha mandado tirar os versos do Psalterio com que se pudessem pedir a Deus quatro cousas: vida e victoria para o Principe D. Duarte, seu carissimo filho e principe nosso; item que Deus o livrasse dos perigos da terra, do mar e dos inimigos. E V. A. como mais conversa com os ceos que com nósoutros, me deu a ordem como compuzesse o psalmo, em o qual havia de pedir estas quatro cousas que me manda; scilicet que o Psalmo comece em louvores de Deus, o qual eu observei; porque no principio ponho um ou dois versos invitorios ou que nos convidam a louvar a Deus, e logo um verso com que V. A. louva a Deus» etc. etc. — Barb. Mach., II, 629^b.

¹⁰ Não digo a *única*, porque estou lembrada de D. Isabel de Castro e Andrade que «defendeu conclusões de philosophia e theologia no convento do Varatojo».

¹¹ Comparem o portuguez dos humanistas com o seu latim. — É verdade que a dicção de Barros e as proposições masculas de Goes já significam um grande progresso, mas, na minha humilde e heretica opinião, não houve bom estylo de prosa antes de Brito e frei Luiz de Sousa.

¹² «Omitto formam intra modum venustam».

¹³ De *Antiquitatibus Lusitaniae*. Libri quattuor. Romae, 1597. — Só esta carta se conservou. Todavia, quem conhecer medianamente a mania epistolar que grassava entre os sabios da Renascença, não duvidará que muitos mais correspondentes do respeitavel ancão foram devidamente inteirados do apparecimento d'aquella oitava maravilha do Alemtejo.

¹⁴ É n'esta data que se baseiam os meus calculos — a unica que conhecemos, visto que a carta de Resende não tem nenhuma. Quem em 1571 era de 23 annos devia contar 17 em 1565, tendo nascido em 1548 e perfazendo 33 em 1581 no acto de recolher-se.

¹⁵ V. Herculano, *Opusculos*, VI, p. 57-58. — Com respeito á viagem, veja-se ainda: Barb. Mach., *Memorias de D. Sebastião*, III, cap. VI. — Fr. Luiz de Sousa, *Barthol. dos Martyres*, III, p. 22. — Sanches Moguel, *Referaciones historicas*, p. 245-266. — Falcão de Rezende, *Poesias*, p. 131.

¹⁶ Ainda ha pouco, F. A. Coelho, que tambem se referiu a Hortensia nos seus interessantes estudos sobre a *Historia da instrucção popular* (*Rev. do ensino*, X, p. 63), citou o prologo popular, e mais alguns dictos sobre o mesmo assumpto.

¹⁷ Os annaes da universidade de Salamanca, que registam com os devidos louvores bastantes nomes portuguezes, e os de algumas meninas castelhanas que se matricularam effectivamente em humanidades, philosophia e theologia — como D. Alvara de Alba, em 1546 — não fallam de Hortensia. V. D. Alejandro Vidal y Diaz, *Memorias historicas de la universidad de Salamanca*, Sal., 1869.

¹⁸ Baste citar o nome de D. Antonia de Lebrija.

¹⁹ A vida de Soror Auta da Madre de Deus, de quem se conta o mesmo facto, não pôde ser allegada como prova contraproduktiva, visto que está envolvida em trevas e lendas.

²⁰ D. João de Mello hospedou em 1571 o cardeal Alexandrino e São Francisco de Borja nos paços de Sertorio, onde vivia.

Porto, 15 de julho de 1895.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

O TERCEIRO CASAMENTO

DE

EL-REI D. MANUEL



QUADRO que representa o casamento de el-rei D. Manuel com a infanta D. Leonor pertence á Santa Casa da Misericordia de Lisboa; orna ha muitos annos o gabinete do ex.^{mo} Provedor, com outros quadros e objectos dignos de nota. O quadro foi mui cuidadosamente desenhado pelo sr. Gameiro.

O abbade de Castro escreveu a respeito d'esta pintura: *Resumo historico sobre o quadro a oleo representando o acto do casamento d'el-rei o senhor D. Manuel com a senhora D. Leonor*. (Lisboa, typ. Univ., 1871, folh. de 6 pag. in-8.^o). Pondo de parte algumas confusões do escripto do abbade de Castro, ha no folheto dados aproveitaveis.

D. Alvaro da Costa, provedor da Misericordia de Lisboa, encommendou a pintura ao toledano Blas del Prado, discipulo de Pedro Berruguete. No lado direito do quadro se vê o retrato de D. Alvaro da Costa, com o manto de cavalleiro da Ordem militar de Christo, tendo em letras douradas, na orla do manto: *D. Alvaro da Costa, Prim.^{ro} P.^{dor} d'esta Casa*.

Primeiro provedor depois que a irmandade da Misericordia tomou posse do edificio novo; porque D. Alvaro foi o oitavo, na lista dos provedores.

No *Abecedario Pittorico* de Pellegrino Antonio Orlandi, augmentado por P. Guarienti (Venezia, 1753), fallando do pintor Blas del Prado, se diz: *Nella casa dei Signori Fratelli della Misericordia en Portogallo, di mano di lui reggonsi i Sponsali del Re Dom Emmanuele egregiamente rappresentati*. (Folheto do abbade de Castro, pag. 5. Raczynski, *Les Arts en Portugal*, pag. 317).

«Tudo n'este quadro é perfeitamente pintado, observa o abbade. É necessaria muita observação do natural e muita pratica de pintar para se conseguir tanto. Pode-se reputar um bom quadro. O que sem duvida causa admiracão é que, tendo a irmandade da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, pelo fatal terremoto e incendio do 1.^o de novembro de 1755, soffrido tantos destroços no seu sumptuoso edificio, templo, alfaia, casa do despacho, secretaria e carto-

rio, passasse incolume o quadro que representa o *terceiro casamento do monarcha venturoso*. Altos destinos! Este quadro tem passado por um original do pretendido Grão Vasco, ou da sua escola! quando elle é puramente da escola hespanhola antiga. No anno de 1861 foi o quadro mandado restaurar pelo visconde de Benagazil, então provedor.»

Esta restauração foi seguramente uma fatalidade, como tantas outras restaurações de pinturas que se têm perpetrado n'este paiz, arruinando para sempre joias de subido valor; todavia, eu creio que as linhas principaes, o desenho, o tom geral do quadro venceram o amanho; tal como está, é ainda um bello quadro, da escola hespanhola antiga; para nós, um documento de primeira ordem.

No quadro ha doze figuras singellamente vestidas, e a scena passa-se n'um interior de igreja pobre. Como tal simplicidade no terceiro casamento de D. Manuel, na plena gloria d'esse extraordinario reinado?

Na frente, estão os retratos de D. Manuel e de D. Leonor, dando as mãos; o prelado abençoa; ao lado direito, avista-se toda a figura de D. Alvaro da Costa; ao esquerdo, a figura toda de uma dama, ainda nova: de outra só se vê o busto, de outras duas apenas as cabeças; e, á direita, quatro homens barbados, atrás de D. Alvaro. Os homens têm as cabeças cobertas, de barretes ligeiros; o rei está descoberto. O sacerdote, que é D. Martinho da Costa, arcebispo de Lisboa, está de barrete tambem, sem mitra.

Parece, e é verdade, que estavam todos de viagem, deabalada.

Esse casamento com D. Leonor, filha de Filippe I de Castella, irmã do imperador Carlos V, foi, ao que rezam chronicas, um capricho bem singular de D. Manuel; em roda da gentil princeza, antes e durante o matrimonio, rabiou a intriga palaciana, e ainda depois de viuva de D. Manuel (ella passou a segundas nupcias com Francisco I), emquanto se demorou em Portugal, as más linguas cortezás badalaram á farta.

(Sobre este casamento: *Historia genealogica*, por A. C. de Sousa, pag. 235 e seg. do tomo III. — Damião de Goes, 4.^a parte da *Chronica del Rei D. Manuel*, cap. XXXIII e XXXIV. — Pinheiro Chagas, na *Hist. de Portugal*, vol. V, pag. 111 e 139, etc.).

O casamento foi negociado por D. Alvaro da Costa, vulto mui notavel do tempo de D. Manuel, com o maior segredo; effectuou-se por procuração em Saragoça, em maio de 1518, e por pessoas na humilde igreja do Crato, em novembro do mesmo anno. Chegaram ao Crato por uma tarde de novembro.

«Este dia que se despediram uns dos outros, veiu a rainha dormir ao Castello de Vide, onde esteve um dia, e ao seguinte se foi ao Crato; depois da rainha ter ceiado, chegou el-rei ás nove horas da noite, o qual a rainha veiu receber no peitoril da escada da sala, onde se fizeram suas cortezias como d'entre marido e mulher, o que feito, o principe (pobre principe!) que vinha com el-rei, quizera beijar a mão á rainha, mas ella lh'a não quiz dar, posto que o principe n'isso insistisse; após o principe, lh'a beijou D. Jorge, duque de Coimbra, mestre de S. Thiago e de Aviz; e porque a rainha, como disse, tinha já ceiado, houve logo na mesma sala serão; n'esta mesma noite os recebeu o arcebispo de Lisboa.»

Isto conta Damião de Goes. Foi um casamento n'uma cavalgada; chegada inesperada, cortezias, um bocado de serão, e benção nupcial, de D. Manuel com a irmã do imperador! Parece que ella, quando viu o principe, disse admirada: *Este és el boro?* porque lhe tinham pintado o principe como um desgraçado.

A cerimonia nupcial foi á noite; isto não se vê no quadro, não ha tochas, nem alampadas; provavelmente D. Alvaro esqueceu-se d'esta circumstancia, ou não a quiz lembrar, quando fez a encomenda a Blas del Prado. A attitude da infanta, com o ventre adeantado, não causa estranheza; vê-se frequentemente em retratos de damas principaes, no



(Pintura em madeira, existente na Misericórdia de Lisboa; desenho de R. Gameiro)

seculo xvi. Era moda aquella linha.

O braço de D. Manuel é mui comprido; não é erro do pintor; D. Manuel tinha os braços extraordinariamente compridos, nos diz Damião de Goes.

Já fiz notar a singeleza da indumentaria: são pessoas da cõrte em trajos de viagem.

Todas as figuras parecem retratos; o de D. Manuel deve estar parecido; tinha então quarenta e nove annos; recorda bem a cabeça do quadro n.º 680 do Museu Nacional de Bellas Artes, e outras pinturas. Póde fazer-se uma serie de retratos de D. Manuel, em diferentes edades. Este é talvez o ultimo.

D. Alvaro da Costa apresenta-nos uma bella figura portugueza d'aquelle extraordinario periodo. Esse homem jaz n'um dos mais elegantes tumulos em estylo do renascimento que temos em

Portugal, na capella-mór do mosteiro do Paraíso, em Evora.

A scena pintada n'este quadro, bem explicada e desfiada, dava um interessante volume de historia portugueza, e até um romance historico de incidentes palacianos, comicos e dramaticos, com assovios de intrigas e angustias de corações rasgados, graves embaixadores fazendo politica e pesando oiros, juvenis damas em galanteios e saraus, mesquinhos traidores e espiões infames envenenando projectos e devaneios; a miseria que nos parece impossivel no meio de triumphos tamanhos, em dias de tantas maravilhas.

G. PEREIRA.

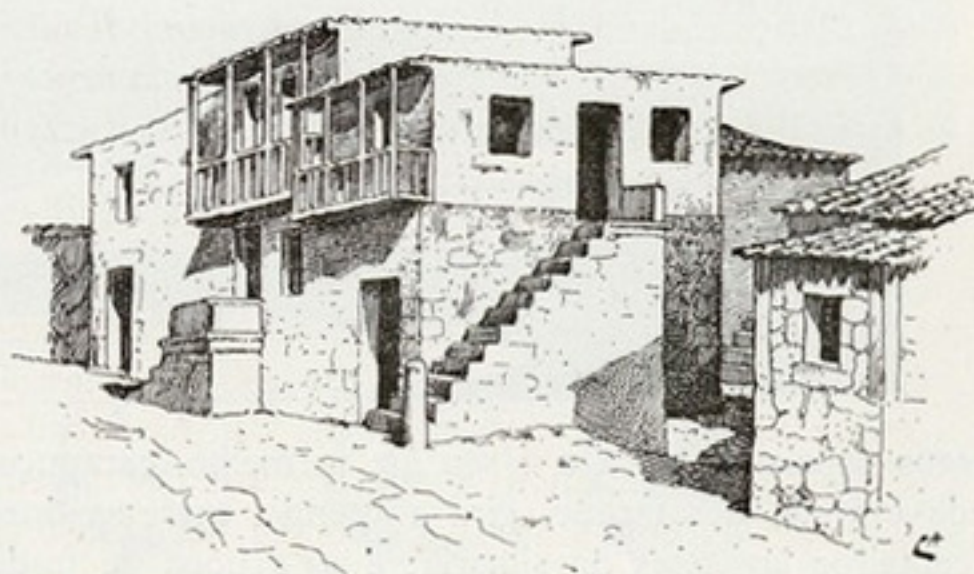
CASA PORTUGUEZA

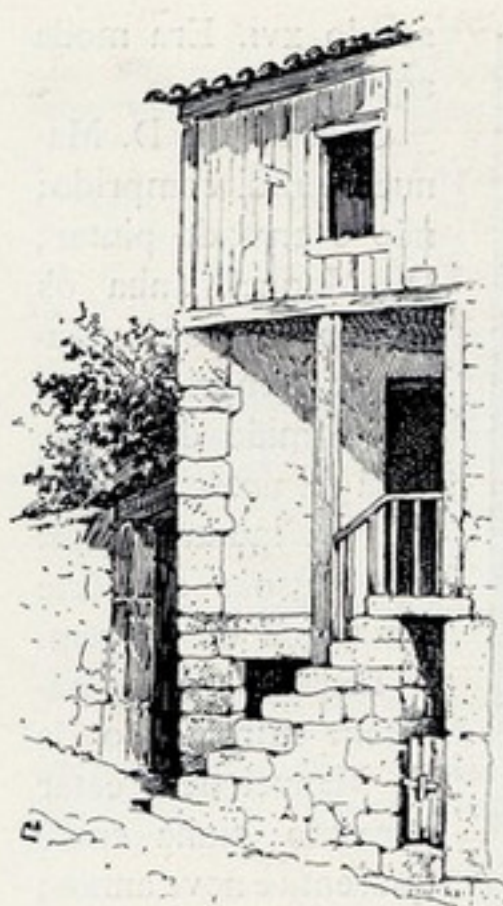
(S. PEDRO DO SUL)



OS typos de casas de S. Pedro do Sul que apresentamos reproduzidos em gravura, têm bem definido caracter. Escadas exteriores, com ou sem guarda; varandas cobertas, salientes, de madeira.

Dois predios contiguos, um d'elles fazen-





do a esquina; n'este, a escada lateral, no lado da travessa; no outro, a escada á frente, sob a varanda; em ambos estes predios a varanda tem o seu apoio na parede mestra, grossa, formada de grandes pedras no pavimento inferior, mais delgada



outro, só o patamar é guardado; ha ainda um exemplo que nos mostra guardado só um lado do patamar, e outro, finalmente, sem defesa alguma. Parece á primeira vista que uma escada sem guarda, ainda que de poucos degraus, é um perigo constante; são degraus direitos e de bom tamanho.



e reintrante no segundo pavimento.

Outro typo: a parede não varia de prumada; então, para apoiar a varanda, ergue-se uma valente pilastra, ou uma columna.

Em um predio de mais nobre apparencia, mantem-se a escada exterior, toda com sua guarda em pedra lavrada; em

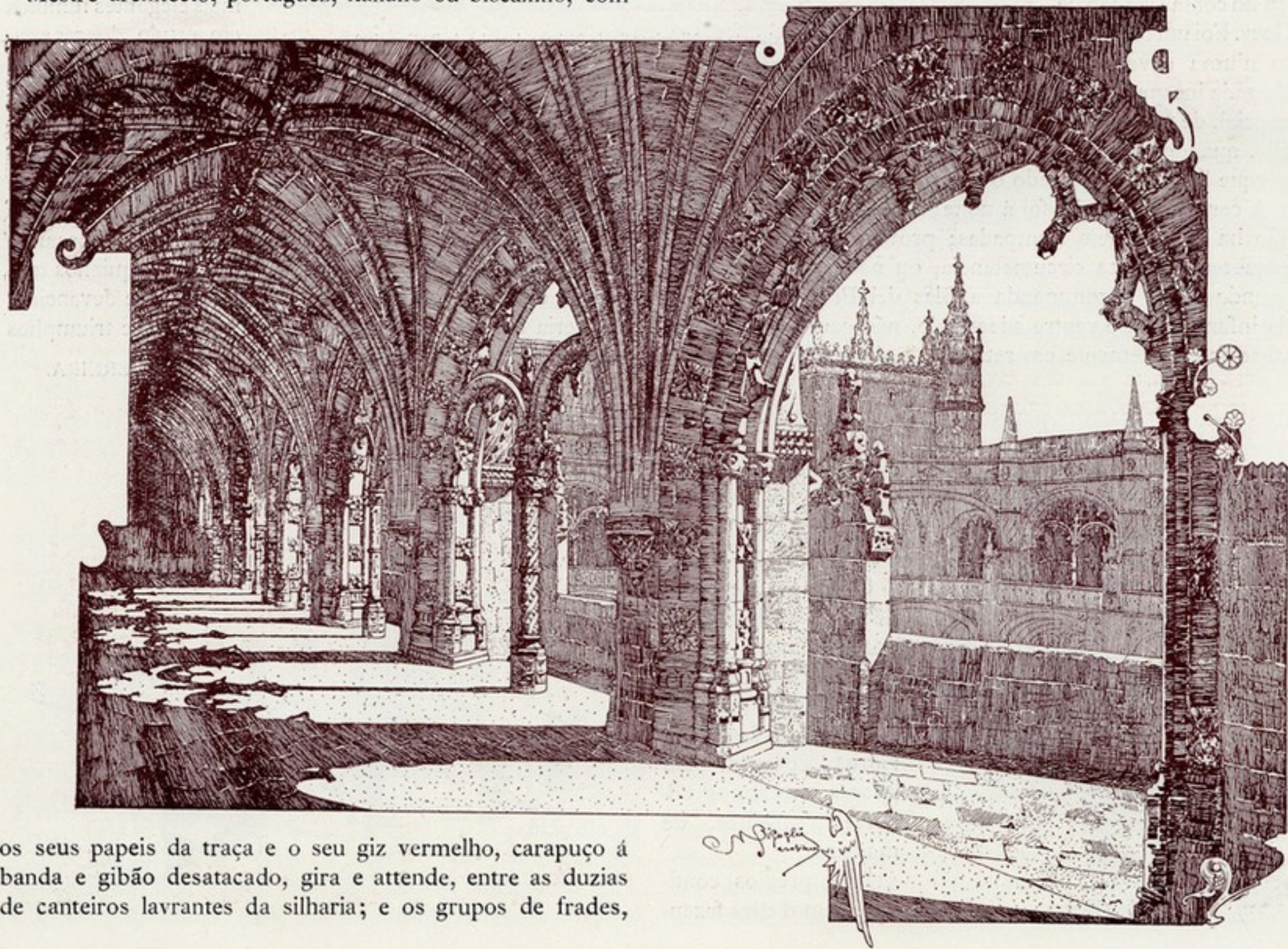
Em construcções modernas de Lisboa, carpinteiros mui habilidosos produzem escadas de pescoço de cavallo, em leque, etc., bem mais perigosas, verdadeiros quebra-costas. Mas que differenças entre estas casas de S. Pedro do Sul e as de outros pontos do paiz! Como estamos longe das casas urbanas ou rusticas das provincias meridionaes!

O PORTAL DOS JERONYMOS

Ao ver o portal dos Jeronymos, eu imagino um quadro com muitas figuras e episodios.

Mestre architecto, portuguez, italiano ou biscainho, com

de doutores, de cavalleiros, de homens-bons, de pescadores, da maruja e até da arraia miuda fallam, dão senten-



os seus papeis da traça e o seu giz vermelho, carapuço á banda e gibão desatacado, gira e attende, entre as duzias de canteiros lavrantes da silharia; e os grupos de frades,